

MODELOS SACRAMENTAL-INVOLUNTÁRIO E FUNCIONAL-VOLUNTÁRIO: UMA PROPOSTA PARA A COMPREENSÃO DO BATISMO CRISTÃO

Marcelo Beserra Malheiro¹
Elmer Arrais Guzman²

Resumo

Ao longo dos séculos, estudiosos, teólogos e reformadores proporcionaram interpretações variadas, acrescentando ao entendimento do batismo e às distinções entre o batismo infantil e o de professos crentes. Este artigo se dedica a discutir o conceito de batismo bem como as perspectivas de Aquino e Calvino em relação à prática do batismo infantil e a hermenêutica empregada pelos anabatistas e adventistas do sétimo dia. A metodologia adotada é de natureza exploratória e bibliográfica, com abordagem qualitativa. Os resultados destacam as convergências e as divergências entre os modelos analisados, evidenciando que as tradições católica e reformada, em termos gerais, seguem um modelo sacramental, enquanto os anabatistas e adventistas do sétimo dia, por adotarem uma hermenêutica histórico-cognitiva, enfocam as implicações práticas da fé individual.

Palavras-chave: Batismo cristão; Tomás de Aquino; João Calvino; adventistas do sétimo dia; anabatistas.

Editores científicos: **Flavio Prestes Neto e Eduardo Rueda Neto**
Organização: Comitê Científico
Double Blind Review pelo SEER/OJS
Recebido: 12/05/2025
Aprovado: 08/09/2025

Como citar: MALHEIRO, M. B; GUZMAN, E. A. Modelos sacramental-involuntário e funcional-voluntário: uma proposta para a compreensão do batismo cristão. **Kerygma**, Engenheiro Coelho, v. 20, n. 1, p. 01-22, e1977, 2025. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v20.n1.pe1977>

¹ Graduado em licenciatura em História e bacharel em Teologia pela Faculdade Adventista do Paraná (FAP). Atua como pastor distrital da Associação Planalto Central (APLAC). E-mail: marcelomalheiros@yahoo.com

² Doutor em Teologia pela Universidade Andrews, EUA, é professor de Teologia Sistemática e diretor acadêmico na Faculdade Adventista do Paraná (FAP). E-mail: elmer.guzman@adventistas.org



SACRAMENTAL-INVOLUNTARY AND FUNCTIONAL-VOLUNTARY MODELS: A PROPOSAL FOR UNDERSTANDING CHRISTIAN BAPTISM

Abstract

Throughout the centuries, scholars, theologians, and reformers have provided varied interpretations, contributing to the understanding of baptism and to the distinctions between infant baptism and the baptism of professed believers. This article aims to discuss the concept of baptism as well as the perspectives of Aquinas and Calvin regarding the practice of infant baptism, and the hermeneutics employed by the Anabaptists and Seventh-day Adventists. The methodology adopted is exploratory and bibliographic in nature, with a qualitative approach. The results highlight the convergences and divergences among the models analyzed, showing that the Catholic and Reformed traditions, in general terms, follow a sacramental model, while the Anabaptists and Seventh-day Adventists, by adopting a historical-cognitive hermeneutic, focus on the practical implications of individual faith.

Keywords: Christian baptism; Thomas Aquinas; John Calvin; Seventh-day Adventists; Anabaptists.

MODELOS SACRAMENTAL-INVOLUNTARIO Y FUNCIONAL-VOLUNTARIO: UNA PROPUESTA PARA LA COMPRENSIÓN DEL BAUTISMO CRISTIANO

Resumen

A lo largo de los siglos, estudiosos, teólogos y reformadores han ofrecido interpretaciones diversas, contribuyendo a la comprensión del bautismo y a las distinciones entre el bautismo infantil y el de los creyentes profesos. Este artículo se dedica a analizar el concepto de bautismo, así como las perspectivas de Aquino y Calvino con respecto a la práctica del bautismo infantil, y la hermenéutica empleada por los anabautistas y los adventistas del séptimo día. La metodología adoptada es de carácter exploratorio y bibliográfico, con un enfoque cualitativo. Los resultados destacan las convergencias y divergencias entre los modelos analizados, evidenciando que las tradiciones católica y reformada, en términos generales, siguen un modelo sacramental, mientras que los anabautistas y los adventistas del séptimo día, al adoptar una hermenéutica histórico-cognitiva, se enfocan en las implicaciones prácticas de la fe individual.

Palabras clave: Bautismo cristiano; Tomás de Aquino; Juan Calvino; adventistas del séptimo día; anabautistas.

INTRODUÇÃO

O cristianismo possui ritos e cerimônias próprias. Dentre essas práticas, o batismo se destaca como uma marca de introdução à religião. Embora universal no cristianismo mundial, o batismo ganha diferentes contornos nas diversas tradições



cristãos. Neste trabalho, serão discutidas quatro diferentes perspectivas – católica, reformada, anabatista e adventista – conforme a visão de pensadores clássicos, como Tomás de Aquino e João Calvino, que contribuíram para a construção do pensamento teológico em torno dessa prática.

Barth e Cullmann (2004) destacam essa diversidade, mostrando a tensão entre a compreensão do batismo como sacramento que concede graça e como símbolo de fé e arrependimento. A problemática central desta investigação envolve a legitimidade do batismo infantil, isso é, o batismo sacramental-involuntário; e o funcional-voluntário, em que o batismo não é compreendido como rito de salvação, mas uma expressão pública de aceitação da justificação que Cristo oferece a todos os que aceitam seu senhorio (White, 2021, p. 389).

Dessa maneira, propõe-se realizar uma análise comparativa dos conceitos relacionados à eficácia, voluntariedade e compreensão em relação ao batismo. Para alcançar esse objetivo, a metodologia adotada é de natureza exploratória e bibliográfica, com uma abordagem qualitativa.

A pesquisa busca responder à seguinte questão: como as tradições cristãs representadas compreendem o batismo, como sacramento ou como símbolo, e quais são as implicações dessas concepções para a sua eficácia e voluntariedade? Para explorar essas questões, é necessário compreender a raiz hermenêutica que orienta os autores considerados neste estudo. Para isso, será apresentada uma breve análise da teologia do batismo cristão em perspectiva histórico-sistemática.

O pensamento teológico foi fundamentado por conjuntos hermenêuticos que suas linhas de pensamento. Portanto, segundo Canale (2011, p. 6), não se pode esperar que o cristianismo uniforme. Historicamente, esses modelos de pensamento emergiram de uma base conceitual unificada; no entanto, hoje, se distinguem substancialmente, embora mantenham certas afinidades.

A pesquisa possui duas etapas principais. A primeira consistirá em uma revisão bibliográfica, com textos relacionados ao tema do batismo, teologia cristã, história religiosa e interpretações bíblicas, com foco nas perspectivas dos grupos mencionados. A segunda envolverá a análise comparativa das diferentes perspectivas em relação aos conceitos de batismo infantil e de crentes professos. A análise permitirá a compreensão das visões, ampliando a compreensão dos contextos históricos, culturais e teológicos que moldaram essas perspectivas. A conclusão



abrangerá uma síntese das descobertas, ressaltando as implicações dessas perspectivas para a compreensão da fé cristã e seu entendimento sobre o batismo.

PRÁXIS E ENTENDIMENTOS DO BATISMO NO CRISTIANISMO

O batismo é um dos ritos mais antigos do cristianismo, interpretado de formas distintas ao longo da história. Para algumas tradições, ele é um símbolo de iniciação e purificação; para outras, um sacramento que transmite graça espiritual. Entre os temas mais debatidos está o batismo infantil, aceito por tradições como a Igreja Católica Apostólica Romana e a Ortodoxa Oriental, mas rejeitado por grupos como os anabatistas e os adventistas do sétimo dia.

Para fins desta pesquisa, o rito é analisado em dois modelos: o sacramental-involuntário e o funcional-voluntário. O primeiro, adotado pela Igreja Católica, entende o batismo como um sacramento que apaga o pecado original e insere o indivíduo na vida cristã, independentemente de sua consciência. Agostinho (1995, c. 20, 56, p. 212) o definiu como “um sinal visível de uma graça invisível”. O Concílio de Trento (1545-1563) reforçou a prática do batismo infantil, sustentando que a graça conferida não depende do entendimento do batizando, mas do ato sacramental em si. A seção V, parte 4, declara:

Se alguém negar que as crianças recém-nascidas precisam ser batizadas, para ser preciso purificá-los com o banho da regeneração para conseguir a vida eterna [...] não devem ser entendidas em outro sentido senão aquele que sempre entendeu a igreja católica, difundida por todo o mundo. E assim, por esta regra de fé, mesmo as criancinhas que ainda não possam ter cometido pecado algum, recebem com toda verdade o batismo em remissão de seus pecados que contraíram devido à geração, para que sejam purificados, pois não pode entrar no Reino de Deus, sem que tenham renascido pela água e pelo Espírito Santo (Concílio Ecumênico Vaticano II, 2012, p. 30).

Na mesma direção, Tomás de Aquino, um dos teólogos mais influentes da Igreja Católica, vê o batismo como um sacramento essencial para a salvação. Segundo Aquino (2009, p. 749), o batismo é necessário para a purificação do pecado original e a regeneração espiritual, conferindo graça santificante ao batizando. Na *Suma Teológica*, ele argumenta que o batismo é um meio pelo qual a graça de Deus é transmitida ao indivíduo, independentemente da consciência ou compreensão deste.

A Reforma Protestante trouxe novas perspectivas para o cristianismo, sendo



impulsionada por uma série de fatores, incluindo as mudanças políticas, sociais e econômicas da época (Cairns, 2008, p. 35). O surgimento de nações-estados e a oposição ao poder universal do papa contribuíram para o rompimento com a Igreja Católica Romana. A prática do batismo também ganhou desdobramentos.

Martinho Lutero (1987, p. 413) manteve a prática do batismo infantil. Outra figura central na Reforma Protestante, João Calvino (2003) defende a prática, difirida da interpretação de Aquino (2013, p. 175) sobre o pecado original. Para o reformador de Genebra, o batismo é sinal e selo da aliança de Deus com Seu povo assim como a circuncisão no Antigo Testamento.

Calvino vê o batismo como um meio de graça que deve ser recebido com fé, mas não depende da fé do batizando para ser válido. O batismo não é apenas uma expressão de fé pessoal, mas um ato de inclusão na comunidade do pacto, representando a promessa de Deus de ser o Deus dos crentes e de seus descendentes (Gn 17). O batismo, ainda, o sinal da nova aliança em Cristo, aplicável tanto a adultos quanto a crianças.

A Confissão de Westminster de 1647 (A Confissão..., 2019), de viés reformado, ecoa o pensamento de Calvino, estabelecendo que o sacramento do Novo Testamento foi instituído por Jesus Cristo, não só para solenemente admitir na Igreja visível a pessoa batizada, mas também para servir-lhe de sinal e selo do pacto da graça, de sua união com Cristo, da sua regeneração, da remissão dos pecados e da sua consagração a Deus, por meio de Jesus Cristo, a fim de andar em novidade de vida.

Por outro lado, anabatistas e adventistas do sétimo dia apresentam uma visão significativamente diferente, fundamentada em um modelo hermenêutico histórico-cognitivo, isto é, uma estrutura interpretativa que considera os textos bíblicos à luz do contexto histórico e das concepções culturais e mentais presentes nos interlocutores originais, articulando-os com pressuposições hermenêuticas próprias da tradição bíblica.

Ambos rejeitam o batismo infantil e defendem o batismo dos crentes, entendido como uma decisão funcional-voluntária, realizada apenas por indivíduos capazes de professar conscientemente a fé. Para Malone (2003), o batismo é um símbolo do arrependimento e da fé em Cristo, o que o vincula necessariamente à profissão de fé pessoal. Ele vê o credobatismo, isto é, o modelo funcional-voluntário como o cumprimento adequado do mandamento bíblico para o batismo, uma vez que



as Escrituras apontam o batismo como um sinal de regeneração e entrada na comunidade cristã.

Os anabatistas, emergindo durante a Reforma Radical, defendem essa perspectiva, insistindo que o batismo deve ser uma escolha voluntária, realizada por aqueles que compreendem e aceitam os ensinamentos de Cristo. Eles veem o batismo como uma declaração pública de fé e um compromisso com a comunidade cristã, enfatizando a importância do arrependimento pessoal e da transformação espiritual (Allison, 2017, p. 14). Walker (2015, p. 526) observa que os anabatistas eram conhecidos por sua forte ênfase na liberdade religiosa e na necessidade de um relacionamento pessoal com Cristo.

Para os adventistas do sétimo dia, o batismo é um símbolo da aceitação pessoal de Jesus Cristo como Salvador e um compromisso com uma vida de obediência a Deus. Eles praticam a imersão completa, refletindo a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo (Kiesler, 2011, p. 651).

Diante desse quadro, abordam-se as interpretações teológicas do batismo, especificamente nos modelos involuntários e voluntários presentes em quatro correntes hermenêuticas cristãs. Aquino (2013) e Calvino (2003) representam as visões católica e reformada, associadas ao modelo sacramental-involuntário e fundamentadas nos métodos hermenêuticos clássico e evangélico, respectivamente. Já os anabatistas e os adventistas do sétimo dia defendem um modelo funcional-voluntário, interpretando o batismo a partir de um método histórico-cognitivo, abordagem que busca compreender os textos bíblicos à luz do contexto histórico em que foram produzidos, integrando elementos culturais e cognitivos dos interlocutores originais para uma interpretação mais próxima de seu sentido inicial (Associação..., 2018, p. 249-250).

O MODELO SACRAMENTAL-INVOLUNTÁRIO

O batismo infantil é um tema que suscita profundas reflexões sobre a natureza do sacramento e sua relação com a fé daqueles que o recebem. Sua história remonta aos primórdios do cristianismo, encontrando raízes sólidas já no século III. Nessa época, testemunhos históricos identificam a prática do modelo de sacramento involuntário do batismo infantil como uma tradição primitiva, implementada para justificar seu propósito divino.



O modelo involuntário recebe essa nomeação porque não exige a compreensão ou o consentimento ativo do indivíduo que recebe o batismo. Esse conceito é fundamentado na crença de que os sacramentos são instrumentos de Deus para operar a salvação e a santificação dos fiéis, independentemente de sua capacidade de compreender ou aceitar conscientemente o que está acontecendo.

À medida que os séculos avançavam, este modelo pressupõe o poder sobrenatural inerente ao próprio sacramento, o papel da igreja como mediadora da graça, o sacerdócio como ministro exclusivo do ofício sacramental e o vínculo eclesiástico paterno como condição para sua concessão, ganhou crescente popularidade.

De acordo com a teologia católica, por exemplo, o batismo infantil é praticado com base na convicção de que o sacramento, por sua própria natureza, confere graça salvadora ao batizado (Catecismo da Igreja Católica, 1992, p. 181). A eficácia do sacramento não depende da fé ou do entendimento do batizado, mas sim do poder do rito em si, que é visto como um canal da graça divina. Segundo a teologia católica, o batismo infantil é praticado com base na convicção de que o sacramento, por sua própria natureza, confere graça salvadora ao batizado, independentemente de sua consciência (Beloto, 2021, p. 6).

Dentro dessa estrutura teológica, o batismo infantil tornou-se uma de suas principais expressões, consolidando-se como um rito que, segundo essa compreensão, estabelecia uma ligação profunda entre o batizando e os ensinamentos de Cristo, sua morte e ressurreição. Inscrito na tradição reformada, Anglada (2014, p. 17) indaga que o batismo simboliza, portanto, justificação, redenção, regeneração, purificação dos pecados, e todas as bênçãos decorrentes da nossa união com Cristo. Essa ligação era vista não apenas como um ritual, mas como um compromisso de aceitação, submissão e futura compreensão da palavra de Deus, direcionada ao indivíduo no momento do batismo.

No Ocidente, a doutrina do pecado original desempenhou um papel crucial na prática do batismo infantil. Agostinho, um dos teólogos mais influentes da história da Igreja, desenvolveu essa doutrina, argumentando que todos os seres humanos nascem com o pecado original e, portanto, precisam ser purificados por meio do batismo. Kelly (1994, p. 11) ressalta que os Pais da Igreja foram fundamentais no desenvolvimento e consolidação dessas doutrinas centrais da fé cristã, incluindo o



batismo como meio de purificação do pecado original. Pelikan (2014, p. 295-296) detalha como essa doutrina se consolidou nos primeiros séculos da Igreja, influenciando a tradição católica ao ver o batismo infantil como um remédio necessário para o pecado herdado.

O aspecto sacramental e a teologia de Tomás de Aquino

Tomás de Aquino (2013), erudito monge dominicano do século XIII, contribuiu de forma decisiva para a defesa do batismo infantil, integrando filosofia aristotélica e teologia cristã em sua *Suma Teológica*. Ao responder à questão “Deve-se batizar crianças devido ao pecado original?”, argumentou que, assim como pelo pecado de Adão todos contraíram a condenação, pelo batismo, necessário segundo as palavras de Cristo em João 3:5, as crianças recebem a graça e podem alcançar a vida eterna (Aquino, 2013, p. 162). Tal posição parte do entendimento de que as crianças carregam o “pecado original” e, portanto, necessitam do sacramento como meio de purificação e inserção na comunidade cristã. Conforme Allison (2017, p. 410, 413, 416), esse pecado original é a herança de culpa espiritual resultante da queda de Adão no Éden, definido por Agostinho como pecado seminal e por Calvino como teoria federalista. A inclinação ao pecado, presente desde o nascimento, reforça, mas não fundamenta, esse argumento, sendo consequência direta da condição humana caída e servindo como elemento adicional na defesa da prática sacramental.

As ideias de Aquino sobre batismo são profundamente distintas com as crenças reformadas. O pensador trata dos efeitos e virtudes desse rito e defende que seus efeitos consistem na incorporação em Cristo, iluminação e fruição espiritual. Conclui que o batismo, como renascimento espiritual, encarna Cristo e participa espiritual e fisicamente de Sua morte e ressurreição, assim como seria um instrumento de purificação quanto ao pecado original de Adão e Eva. Sob essa perspectiva, o batismo não é apenas um rito vazio, mas um presente divino que requer, sobretudo, a ausência de obstáculos para ser eficaz. É nesse contexto que o batismo infantil encontra sua justificação, especialmente quando se trata dos filhos de pais cristãos.

Aquino (2013, p. 144) ressalta que nas crianças se encontra não apenas a falta de juízo já formado ou de livre-arbítrio, mas também a presença de uma disponibilidade de fundo e confiança incondicional. Essa confiança, embora ainda não consciente, tem como seu verdadeiro objeto o Deus revelado em Jesus Cristo. Assim,



o batismo infantil oferece uma oportunidade de assimilação gradual, mediada por uma fé que amadurece com o tempo.

É notável o paralelo que Aquino (2013) estabelece entre a criança e o ventre materno, simbolizando a salvação por meio dos atos da igreja. Da mesma forma que um feto não possui cognição para buscar nutrição e, portanto, depende totalmente da mãe, essas crianças dependem dos "atos da igreja" para sua salvação. Como argumento para sustentar essa teoria, ele cita Agostinho:

Na Igreja do Salvador os pequeninos creem por meio dos outros, do mesmo modo que contraíram de outros os pecados que lhe são perdoados no batismo. Se os pais são infiéis nem por isso sua salvação fica impedida, pois, como diz Agostinho ao mesmo interlocutor: "os pequeninos são apresentados para experimentarem a graça espiritual, não tanto por aqueles que os carregam nos braços (embora também por eles, se são bons fiéis), quanto por toda a comunidade dos santos e dos fiéis" (Aquino, 2013, p. 163).

Cabe a toda mãe-igreja, presente em seus santos, agir, pois é ela que produz cada um deles. Portanto, o batismo infantil, de acordo com essa perspectiva, é visto como um ato de graça e de cuidado pastoral, permitindo que as crianças façam parte da comunidade cristã desde o início de suas vidas. Essa perspectiva sobre o batismo infantil é profundamente enraizada na crença de que as crianças "crêem pelos outros, como pelos outros é que contraíram os pecados de quem os livra do batismo" (Aquino, 2013, p. 163). Isso significa que crianças não carregam pecados por conta própria, mas são submetidas ao batismo devido aos pecados dos outros. Mesmo quando os pais não são fiéis, as crianças ainda recebem a salvação, uma vez que são apresentadas para receber a graça espiritual não apenas pelos pais, mas também pela comunidade dos santos e dos fiéis. Portanto, o batismo infantil independe da fidelidade dos pais.

No entanto, Aquino (2013) observa que, se os pais se opuserem ao batismo da criança, o rito só poderá ser realizado quando ela atingir a idade da razão, momento em que poderá professar a fé de forma pessoal. Até então, as crianças estão naturalmente sujeitas à orientação dos pais, conforme o direito natural. Quanto ao batismo de crianças ainda no ventre materno, Aquino considera-o impossível, não apenas pela inviabilidade física, mas porque, sem representantes legítimos que possam professar a fé em seu nome, seria necessário que a própria criança exercesse o livre-arbítrio para participar conscientemente do sacramento, o que,



evidentemente, não é possível nessa fase.

Embora a igreja reconheça a eficácia de sua fé operante no batismo das crianças e a validade do sacramento conferido, estabelece limites à sua prática: não admite a administração do sacramento sem o consentimento dos pais e sem uma garantia séria de que o batizado receberá formação na fé católica, preservando tanto os direitos naturais dos pais quanto as exigências do desenvolvimento espiritual da criança.

O aspecto volitivo e a teologia de João Calvino

A visão de Calvino (2003) sobre o sacramento involuntário do batismo perpassa a simples entrada na comunidade visível da igreja. Para ele, o batismo é muito mais do que um mero símbolo externo, é um meio pelo qual são recebidas as bênçãos prometidas em Cristo, por meio da fé. O pensador argumenta que o batismo é um poderoso meio de graça, uma ferramenta divina que fortalece, aplica e sustenta a fé. Ele enxerga o batismo infantil como uma confirmação da aliança do Senhor conosco.

Para entender a perspectiva de Calvino sobre o batismo infantil, é essencial compreender sua teologia da aliança e sua inserção no modelo hermenêutico reformado, que ele considerava fiel à boa tradição cristã. Sua interpretação bíblica do Pacto da Aliança estava profundamente enraizada na compreensão reformada de que a Escritura deve ser lida à luz da tradição teológica legítima, herdada da Igreja primitiva e depurada pela Reforma. Para Calvino (2003), essa continuidade entre Antigo e Novo Testamento sustentava tanto as promessas quanto as ordenanças divinas, de modo que o batismo infantil se apresentava como a legítima expressão da inclusão dos filhos dos crentes no povo da aliança.

Essa abordagem visa ao crescimento da criança, sendo orientada pelos pais para compreender que Deus é aquele que pune o pecado, mas também oferece a possibilidade da salvação através da fé e da graça. Ao longo dos anos, a criança é ensinada a cultuar a Deus e a aceitar Sua benevolência em busca da salvação, tornando-se assim parte da comunidade da fé e da promessa divina de redenção.

Calvino estabelece uma conexão entre a circuncisão do Antigo Testamento e o batismo infantil do Novo Testamento, argumentando que ambos carregam consigo as mesmas promessas espirituais. Essa visão encontra raízes profundas na herança



espiritual de Abraão, acreditando que as crianças descendentes de Abraão seriam abençoadas de geração em geração, e que todos os ritos e promessas do povo desempenharam um papel crucial como guias para a salvação por meio de seu Deus.

Nas *Institutas da Religião Cristã*, Calvino (2003, p. 313) enfatiza vigorosamente o valor do batismo para os filhos dos crentes

Portanto, temos na circuncisão uma promessa espiritual outorgada aos patriarcas, como se dá em nosso batismo, uma vez que ela significa a remissão dos pecados e a mortificação da carne. Além disso, como já ensinamos ser Cristo, em quem reside uma e outra destas duas coisas, o fundamento do batismo, assim se faz evidente que ele o é também da circuncisão. Pois ele próprio é prometido a Abraão e nele a bênção de todas as nações [Gn 12.2, 3]. O sinal da circuncisão é adicionado para selar-se esta graça.

Ele via na circuncisão um símbolo significativo de remissão de pecados e um selo para a vida eterna, e ele incorporou esse conceito para fundamentar a prática do batismo infantil. Assim como as crianças no início de suas vidas passavam pela circuncisão com o corte do prepúcio, o batismo infantil simboliza a inclusão na aliança de Deus e a garantia das promessas espirituais para as gerações futuras, consolidando a conexão entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento no plano divino de redenção. O batismo não é apenas um rito cerimonial, mas um elo vivo na corrente da aliança de Deus, uma promessa divina de graça estendida não apenas aos pais, mas também às gerações futuras.

A promessa em que afirmamos consistir a virtude dos sinais é uma e a mesma em ambos, isto é, a promessa do favor paterno de Deus, da remissão dos pecados, da vida eterna [...] em que se apóia o cumprimento destas coisas é um e o mesmo em ambos: Cristo. Por isso, não existe nenhuma diferença no mistério interior, no que consiste toda a força e propriedade dos sacramentos [...]. Desse modo é lícito concluir que tudo quanto convém à circuncisão, excetuada a diferença da cerimônia visível, pertence igualmente ao batismo (Calvino, 2003, p. 313-314).

Ademais, Calvino (2003, p. 314) argumenta que aqueles que negligenciam esse rito estão sujeitos a castigos divinos. Ele afirma que, ao ver que os filhos são batizados pela autoridade de Deus, também serão castigados por menosprezar este sacramento. Deve-se sempre temer que, ao negligenciar a selagem dos filhos com o sinal do pacto, o Senhor puna por renunciar aos benefícios e à graça que Ele oferece.



A compreensão fundamental de Calvino é que as crianças também necessitam da redenção e da graça que Deus oferece aos eleitos, uma vez que todos são pecadores e dependentes dessa bênção divina. Ao nascer, as crianças carregam consigo a herança do pecado original e a remissão desse pecado, o sacramento do batismo é defendido como essencial.

Similaridades e contrastes entre Tomás de Aquino e João Calvino

Tanto Aquino quanto Calvino compartilham um modelo hermenêutico parecido para fundamentar suas ideias teológicas e doutrinárias. Um exemplo é o pedobatismo, ou seja, o batismo infantil como um sacramento involuntário. Para ambos, o sacramento involuntário de crianças representa uma maneira pela qual a graça divina é estendida a elas desde o nascimento, independentemente de sua capacidade de compreensão. Eles compartilham a crença de que o batismo infantil é um ato de incorporação à comunidade da fé cristã desde as primeiras fases da vida, permitindo que a criança cresça na fé com o tempo.

Eles também concordam que o batismo infantil é uma resposta ao pecado original, que é transmitido desde Adão e Eva. Para ambos, o batismo é o meio pelo qual essa mancha do pecado é lavada, tornando possível que a criança faça parte da comunidade cristã. Além disso, enfatizam a continuidade da aliança divina com a humanidade. Assim como Aquino, que considerava o batismo como a inclusão das crianças na igreja, Calvino também acreditava que essa prática assegurava que a graça de Deus já estava operando na vida da criança, mesmo antes dela ter plena compreensão.

Embora Aquino e Calvino possuam abordagens teológicas distintas em outros aspectos, ambos compartilham a visão essencial do pedobatismo como um meio de estender a graça divina às crianças desde o início de suas vidas e de integrá-las à comunidade da fé cristã. Eles também enfatizam o papel crucial dos pais nessa iniciação pelo batismo da criança, considerando-os responsáveis por conduzir seus filhos à fé e à vida cristã, assegurando que eles cresçam na compreensão dos princípios cristãos e na aceitação da graça de Deus. Assim, a visão compartilhada dos autores aqui apresentados, destacam não apenas a importância do pedobatismo, mas também o papel dos pais como guias espirituais na jornada de fé de suas crianças.



O MODELO FUNCIONAL-VOLUNTÁRIO

O modelo de batismo conhecido como funcional-voluntário é assim denominado por suas características específicas. O termo “funcional” refere-se às várias funções que o rito desempenha, como a entrada na igreja, o testemunho público de fé e a demonstração de compromisso com a comunidade cristã. No entanto, diferentemente de outros modelos, ele não possui efeitos sacramentais, ou seja, o rito em si não é visto como um meio de salvação ou de graça divina.

Por outro lado, o termo “voluntário” destaca a necessidade de compreensão e consentimento ativo do indivíduo que será batizado. Isso significa que a pessoa deve entender o significado do batismo e aceitar voluntariamente participar do rito, uma vez que o próprio batismo não tem poder em si para salvar ou transformar.

Malone (2003) argumenta que, na nova aliança, o batismo deve ser aplicado apenas àqueles que demonstram fé e arrependimento, características de um crente, em vez de uma continuidade da circuncisão aplicada a crianças como no antigo pacto. Esse modelo é frequentemente chamado de credobatismo, enfatizando a importância da crença pessoal e da confissão de fé. No credobatismo, isto é, batismo com modelo funcional- voluntário, a fé e o arrependimento são pré-requisitos essenciais, pois o batismo é visto como uma expressão externa de uma convicção interna já ocorrida.

O aspecto volitivo de batismo anabatista

Os anabatistas foram um grupo de reformadores radicais que emergiram no início do século XVI. O termo Anabatista deriva do grego *anabaptízō*, formado por *aná* [para cima] e *baínō* [ir, vir], expressando a ação de “trazer para cima” após o mergulho nas águas. Essa etimologia está relacionada ao ritual de batismo por imersão, no qual o indivíduo é submerso e depois elevado, simbolizando a morte e a ressurreição espiritual do crente.

Os “irmãos”, como se autodenominavam — uma vez que “anabatista” era, inicialmente um apelido depreciativo de seus oponentes — acreditavam que o batismo infantil não era válido, pois ocorria antes do arrependimento e da fé, e “enfatizavam a necessidade absoluta de um compromisso pessoal com Cristo como essencial para a salvação e a condição prévia do batismo” (Olson, 2001, p. 443).

Esse modelo funcional-voluntário os levou a rejeitar e romper com o batismo sacramental involuntário, isto é, o batismo infantil praticado catolicismo e



reformados. Por isso, muitos membros desse movimento optaram por ser batizados novamente na idade adulta, mesmo que já tivessem recebido o batismo infantil. Conforme Olson (2001, p. 449),

Hubmeier, um dos principais teólogos do início do movimento anabatista, argumentava que o batismo na água não deveria ser considerado um sacramento nem um meio de transmissão da fé ou da graça [...] o batismo era necessário porque Cristo o havia ordenado como um testemunho e um compromisso externo, servindo também para que a igreja pudesse distinguir quem pertencia ou não à sua comunhão.

Defendiam o princípio da igreja voluntária, onde a adesão à igreja deveria ser uma escolha individual e não um ato automático, como no pedobatismo. O movimento teve líderes notáveis, como Conrad Grebel, Felix Manz e Menno Simons, que desempenharam papéis-chave na sua disseminação e desenvolvimento. Eles promoveram a ideia de uma comunidade de crentes voluntariamente comprometidos com a fé cristã e a vida em conformidade com os ensinamentos de Jesus (Allison, 2017, p. 28).

Um dos eventos mais significativos da Reforma ocorreu em Zurique, em 21 de janeiro de 1525. Naquela data, Jorge Blaurock, um ex-sacerdote católico convertido ao protestantismo, encontrou-se secretamente com outros seguidores radicais do reformador Zwinglio, incluindo Félix Manz e Conrado Grebel. Frustrados com a lentidão da reforma em Zurique, decidiram, após muita reflexão e oração, batizar uns aos outros. Esse ato era visto como heresia e rebelião, pois rejeitava o batismo infantil (Olson, 2001). Blaurock foi o primeiro a ser batizado, seguido por Grebel e Manz, tornando-se os primeiros anabatistas.

Os anabatistas eram uma corrente diversificada, com várias vertentes e crenças, mas sua ênfase na separação da igreja e do estado, bem como na necessidade de um batismo adulto baseado na fé pessoal, deixou uma marca duradoura na história do cristianismo e influenciou outros movimentos religiosos ao longo dos séculos. Essas características resultaram em perseguição promovida tanto por parte das autoridades católicas quanto das protestantes.

Zwinglio procurou refutar a crença dos anabatistas sobre o batismo infantil, argumentando que figuras bíblicas como João Batista e Jeremias já tinham interagido com o Espírito Santo antes mesmo de seus respectivos nascimentos, enquanto ainda



estavam no ventre de suas mães. Esse argumento era uma tentativa direta de contestar a visão anabatista de que o batismo deveria ocorrer apenas na presença do Espírito Santo, evidenciando as diferentes interpretações teológicas sobre o batismo entre os reformadores e os anabatistas da época (Olson, 2001).

Os anabatistas defenderam com veemência o conceito de "igreja voluntária". Para eles, a igreja consiste de indivíduos que aderiram à fé cristã de forma voluntária e consciente. O batismo adulto, portanto, representava o compromisso deliberado de alguém com os princípios e ensinamentos do cristianismo e marcava sua entrada deliberada na comunidade de crentes: isso não poderia ser alcançado por meio de um rito administrado na infância.

O aspecto cognitivo de batismo dos adventistas do sétimo dia

Os adventistas do sétimo dia com seu modelo hermenêutico histórico-cognitivo e suas interpretações bíblicas praticam a cerimônia funcional-voluntária do batismo e a faz por imersão, seguindo o exemplo de Jesus Cristo, que foi batizado por João Batista dessa mesma forma (Mt 3:13-17; Mc 1:9-11). Esse ato simboliza a morte e ressurreição de Cristo, representando a oferta de perdão pelos nossos pecados através de Seu sacrifício (Rm 6:3-5). Ao realizar esse ato simbólico, os adventistas declaram publicamente sua aceitação do sacrifício de Cristo e O reconhecem como Salvador. Essa prática é fundamentada em suas crenças fundamentais, que sustentam que o batismo por imersão é um ato público de fé e aceitação do evangelho de Cristo (Associação..., 2018).

Para fundamentar essa prática, o *Dicionário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Dorneles, 2016, p. 12) defende que a única forma bíblicamente correta de batismo é a imersão total, como indicado pelo termo *baptizo*, que significa "imersão completamente". Essa raiz grega reflete a essência da doutrina adventista, que entende a imersão completa como um símbolo da morte para o pecado e do renascimento espiritual em Cristo. Isso reforça a compreensão de que a imersão completa na água simboliza a transformação espiritual e o compromisso do crente com Cristo.

Para os adventistas, o batismo é um compromisso pessoal e voluntário que deve ser baseado em uma compreensão completa do que implica seguir a Cristo. O nascimento espiritual por meio do batismo deve ser tomada com maturidade



e compreensão. Para Gulley (2016, p. 29), o batismo de crentes é uma resposta pessoal à obra redentora de Cristo, sendo um símbolo do novo nascimento espiritual, a regeneração, que ocorre pela atuação do Espírito Santo na vida daquele que crê, conduzindo-o a uma transformação interior e a um compromisso de viver sob o senhorio de Cristo.

Trata-se de uma decisão que deve ser tomada com pleno entendimento das Escrituras e uma profunda relação espiritual com Jesus. Por isso, ainda segundo Gulley (2016), é essencial que aqueles que optam por se batizar compreendam plenamente as implicações desse ato, o que requer um estudo aprofundado das Sagradas Escrituras e um relacionamento contínuo com Jesus.

Aliás, o modo como o batismo funcional-voluntário é realizado e a idade em que é administrado também são considerações críticas. Sendo batismo é um ato que exige arrependimento, fé e submissão ao senhorio de Cristo, em que momento passa a ser apropriado? O batismo simboliza a união dos cristãos como um único corpo e sua incorporação à comunidade de fé (cf. At 2:41, 42 e 47; 1Co 12:13). Gulley (2021, p. 210), afirma que essa união do pecador com a morte de Cristo é o que conecta o indivíduo à vida eterna de seu Redentor, e que ao emergir das águas batismais, o crente surge para uma nova realidade de vida.

Segundo White (2013, p. 368), o batismo simboliza uma soleníssima renúncia ao mundo, onde aqueles que são batizados declaram publicamente que renunciaram ao serviço de Satanás e se tornaram membros da família real, filhos do Rei celestial. Ainda segundo ela,

Os compromissos que assumimos no ato do batismo são muitos. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo fomos sepultados com Cristo na semelhança de Sua morte e com Ele ressuscitamos na de Sua ressurreição, a fim de andarmos em novidade de vida (White, 2021, p. 79).

O batismo desempenha um papel crucial na incorporação dos novos crentes à igreja, com base no conceito de "novo nascimento". A exposição mais extensa de Paulo sobre o batismo se encontra em Romanos 6:1-11. A conversão dos crentes é o ponto de partida que os torna elegíveis para o batismo e membros da comunidade de fé. Essa incorporação está intimamente ligada ao "novo nascimento", em oposição ao nascimento infantil. Essa distinção é claramente refletida no Novo Testamento, onde



o batismo é reservado para aqueles que experimentaram a conversão e a fé consciente.

É importante notar que recém-nascidos e crianças pequenas não podem experimentar a conversão da mesma forma que os adultos. Portanto, eles não são considerados qualificados para o batismo. No entanto, isso não significa que sejam excluídos da comunidade do novo concerto. Jesus enfatizou a importância das crianças em Seu reino da graça, e Ele as abençoou. A prática de dedicar crianças à igreja é uma resposta à atitude de Jesus em relação às crianças. Os pais trazem suas crianças à igreja para serem apresentadas e dedicadas a Deus como um ato de consagração.

Pais crentes desempenham um papel fundamental ao orientar seus filhos em direção a um relacionamento íntimo com Cristo, o que eventualmente pode levá-los ao batismo. Além disso, conforme explica Kiesler (2011, p. 652), embora existissem muitas crianças na igreja primitiva “o Novo Testamento jamais menciona o batismo de crianças. O batismo infantil só começou a ser praticado em tempos pós-apostólicos, não havendo nenhuma evidência concreta dessa prática antes do fim do 2º século”.

Quanto à idade adequada para o batismo, deve-se levar em consideração seguintes critérios: (1) compreende o significado do batismo, (2) experimentou a rendição a Cristo e a conversão, (3) compreende os princípios fundamentais do cristianismo e (4) entende o significado de ser membro da igreja. Embora seja estabelecida uma idade específica definida, os adventistas compreendem que a pessoa deve estar em um estágio de maturidade espiritual que lhe permita tomar essa decisão consciente (cf. At 8:12, 13, 35-38; 16:30-33).

Segundo Kiesler (2011, p. 652), “À luz de Atos, a pregação ou o estudo da Palavra, a confissão e a afirmação de fé por parte do candidato no Senhor Jesus Cristo precediam o batismo [...] Tudo isso confirma a ideia de que o candidato ao batismo não podia ser criança”. Depreende-se que é necessária maturidade para tomar uma decisão consciente em escolher a graça de Jesus para a remissão dos pecados. Essa abordagem reflete o valor que atribuem à liberdade de escolha e à responsabilidade individual na decisão de se tornar um seguidor de Cristo.

Similaridades entre os adventistas e os anabatistas



As práticas de batismo entre os anabatistas e os adventistas do sétimo dia, embora tenham diferenças notáveis, também compartilham algumas semelhanças significativas que vale a pena destacar. Primeiramente, ambos os grupos enfatizam a importância do batismo como um ato de fé consciente e pessoal. Também acreditam que o batismo deve ser uma escolha voluntária de indivíduos que tenham compreensão dos princípios da fé cristã. Os dois grupos rejeitam a ideia de que o batismo infantil confere automaticamente a salvação: a salvação é um assunto de fé pessoal em Jesus Cristo e não pode ser alcançada por meio de um ritual realizado na infância.

Em relação à forma de batismo, tanto o anabatismo quanto o adventismo praticam o batismo por imersão. Nesse rito, a pessoa é completamente submersa na água, simbolizando a morte para o pecado e a ressurreição para uma nova vida em Cristo. Essa convergência no modo de batismo evidencia a ênfase comum na purificação espiritual e no renascimento.

Vale ressaltar que, no contexto anabatista, há diversas denominações que preservam essa prática, como as Igrejas Menonitas, Amish, Huteritas, a Igreja Bíblica Anabatista, a Igreja Pentecostal Anabatista, entre outras. De forma semelhante, no adventismo existem diferentes denominações, como a Igreja Adventista do Sétimo Dia, a Igreja Adventista do Sétimo Dia Movimento de Reforma e a Igreja Adventista da Promessa, que também adotam o batismo por imersão. Em ambas as tradições, o batismo é entendido como rito de ingresso na comunidade de fé, representando o compromisso público com os ensinamentos e princípios cristãos.

Embora tenham diferenças significativas em suas práticas e crenças, anabatistas e os adventistas do sétimo dia compartilham a ênfase na fé pessoal, a rejeição do pedobatismo como meio de salvação automática e praticam batismo por imersão como um ato simbólico de compromisso com Cristo e ingresso na comunidade de crentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo propôs um debate sobre o batismo na teologia cristã, apresentando dois modelos conceituais para o rito: o sacramental-involuntário e o funcional-voluntário. Foram explorados diferentes modelos hermenêuticos nesse âmbito, tendo como principais representantes Tomás de Aquino, associado ao modelo clássico de



interpretação, e João Calvino, cuja abordagem se insere no contexto reformado e no modelo hermenêutico evangélico. Também foram analisadas as doutrinas estabelecidas pelos anabatistas e adventistas do sétimo dia, vinculadas ao modelo histórico-cognitivo e suas pressuposições de interpretação bíblica. A análise elucidou o debate teológico sobre o tema, destacando tanto as convergências quanto as divergências entre essas tradições.

A partir disso, a pesquisa voltou-se para um olhar mais atento sobre a questão do sacramento involuntário e funcional-voluntário através do batismo. De maneira geral, Tomás de Aquino e João Calvino, ambos defensores do modelo sacramental-involuntário do batismo, oferecem argumentos teológicos para esta prática no período infantil.

Para Aquino, o batismo infantil é essencial para a purificação do pecado original e a iniciação na vida cristã. Ele vê o batismo como um meio de graça, independente da consciência do batizando, conferindo benefícios espirituais desde o início da vida. Calvino, por sua vez, enquadra o batismo infantil dentro do contexto da aliança de Deus com Seu povo, comparando-o à circuncisão no Antigo Testamento. Ele argumenta que o batismo é um sinal da aliança de Deus, aplicável tanto a adultos quanto a crianças, e enfatiza a continuidade da graça divina através das gerações.

Em contraste, defendendo o modelo funcional-voluntário do batismo, os anabatistas e os adventistas do sétimo dia rejeitam o batismo infantil, praticando apenas o batismo dos crentes, ou credobatismo. Nesse modelo funcional-voluntário, não considerado que o rito confere salvação, mas representa uma decisão consciente e uma demonstração pública da fé e do compromisso pessoal com Cristo e com a comunidade cristã. Neste contexto, o batismo é entendido como um testemunho público de fé, onde o indivíduo expressa sua aceitação do evangelho e sua disposição de viver conforme os ensinamentos de Jesus.

Esses dois modelos apresentam ideias conflitantes, enraizadas em diferentes abordagens hermenêuticas. Católicos e reformados seguem um modelo sacramental, enquanto anabatistas e os adventistas do sétimo dia adotam uma hermenêutica histórico-cognitiva, abordagem que analisa as Escrituras considerando o contexto histórico de sua redação e os referenciais culturais e mentais dos primeiros destinatários, buscando, assim, captar seu sentido original. Essa perspectiva, com foco na função e na escolha consciente do batizando, alinha-se à visão evangélica



contemporânea, que valoriza a decisão pessoal de seguir a Cristo.

Essas diferenças teológicas revelam a diversidade de pensamento dentro do cristianismo, moldando de maneira distinta as práticas litúrgicas e espirituais de cada tradição. Essas distinções continuam a moldar a prática e o pensamento teológico no cristianismo contemporâneo, evidenciando que o batismo, longe de ser um simples rito, permanece no centro das discussões sobre a natureza da fé, a graça de Deus e o papel da escolha individual no caminho espiritual.

O modelo sacramental-involuntário se ancora na tradição e no poder da igreja como mediadora da graça, enquanto o modelo funcional-voluntário reforça a individualidade e a consciência do batizando como essenciais na experiência religiosa. Por fim, a pesquisa suscita futuras investigações, como o rebatismo dentro de uma estrutura simbólico-funcional, bem como uma análise sobre qual seria a idade adequada para participar de um batismo com essa característica.

REFERÊNCIAS

A CONFISSÃO de Fé de Westminster. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

AGOSTINHO. **O Livre Arbítrio**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística).

ALLISON, G. R. **Teologia histórica: uma introdução ao desenvolvimento da doutrina cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

ANGLADA, P. **Para vós e para vossos filhos: o batismo cristão**. Ananindeua: Knox Publicações, 2014.

AQUINO, T. **Suma teológica: os sacramentos: III parte - questões 60-90**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013. v. 9.

AQUINO, T. **Suma teológica: o mistério da encarnação: III parte. Questões 1-59**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009. v. 8.

ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA. **Nisto Cremos: as 28 Crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. 10. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

BARTH, K.; CULLMANN, O. **Batismo em diferentes visões**. São Paulo: Novo Século, 2004.

BELOTO, P. R. **Pastoral do batismo: subsídio catequético**. São Paulo: Diocese de Franca CNBB, 2021. Disponível em: <https://diocesefranca.org.br/pdf/Subs%C3%ADdio%20%20Pastoral%20do%20Batismo.pdf>. Acesso em: 9 out. 2024.



CAIRNS, E. E. **O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CALVINO, J. **As Institutas ou tratado da religião cristã**. ed. clássica (latim). [S. l.: S. n.], 2003. v. 4.

CANALE, F. **O princípio cognitivo da teologia cristã: um estudo hermenêutico sobre revelação e inspiração**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2011.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. **Constituição apostólica “Fidei Depositum”**. Concílio Ecuménico Vaticano II. 1992. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jpii_apc_19921011_fidei-depositum.html. Acesso em: 09 out. 2024.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Dogmática Lumen Gentium**. Brasília: Edições CNBB, 2012. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_cons_t_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 9 out. 2024.

DORNELES, V. (ed.). **Dicionário bíblico Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016. v. 8.

GULLEY, N. R. **Systematic theology: the church and the last things**. Barrien Springs, MI: Andrews University Press, 2016. v. 4.

GULLEY, N. Ordenanças da Igreja: Batismo, Lava-pés e Ceia do Senhor. In: RODRÍGUEZ, Á. M. (org.). **A Igreja: adoração, ministério e autoridade**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2021.

LUTERO, M. **Obras selecionadas: primórdios (1517-1519)**. São Leopoldo, RG: Sinodal, 1987. v. 1.

KELLY, J. N. D. **Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1994.

KIESLER, H. As Ordenanças: Batismo, Lava-Pés e Ceia do Senhor. In: DEDEREN, R. (ed.). **Tratado de Teologia: Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

MALONE, F. A. **The Baptism of Disciples Alone: a covenantal argument for credobaptism versus paedobaptism**. Cape Coral, FL: Founders Press, 2003.

OLSON, R. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradições e reformas**. São Paulo: Vida, 2001.

PELIKAN, J. **A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina: o surgimento da tradição católica 100-600**. São Paulo: Shedd Publicações, 2014. v. 1.

WALKER, W. **História da Igreja Crista**. 4. ed. São Paulo: ASTE, 2015.



WHITE, E. G. **Conselhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira,, 2013.

WHITE, E. G. **Testemunhos para a igreja**. 2. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2021. v. 6.